

OS POEMAS DO DIÁRIO INÉDITO DE VERGÍLIO FERREIRA

Hélder Godinho

Estamos hoje aqui para homenagear Fernanda Irene Fonseca como universitária e amiga. Vou, por isso, falar dos poemas de Vergílio Ferreira contidos no seu Diário Inédito que Fernanda Irene Fonseca está a preparar para ser editado brevemente.

Acontece que já estudei, há muitos anos, os poemas de juventude de Vergílio Ferreira, hoje depositados no seu Espólio na Biblioteca Nacional, e falei deles, era, de resto, a primeira vez que deles se falava, também aqui no Porto num Colóquio em 1977.¹ Todos estes anos depois, é, de novo, no Porto que falo de poemas de Vergílio Ferreira, desta vez a propósito dos contidos no Diário dos anos '40. Porque, de facto, o nosso autor nunca desistiu de escrever poemas, embora sem valor poético (e um homem lúcido como ele não podia deixar de o perceber). O seu último livro, *Escrever*, também contém, como se sabe, vários poemas, o que significa que os fez até morrer.

Nos poemas de juventude (mais rigorosamente de adolescência – creio que o mais antigo data dos seus 12 anos), a que estes do Diário dão, cronologicamente, sequência, a Forma que vai determinar o universo imaginário do autor durante toda a sua obra é já visível. É esta a razão do seu interesse e do seu estudo. Estudar os poemas é, por isso, de algum modo, visitar Vergílio Ferreira.

Com efeito, nos poemas de juventude encontramos já uma organização imaginária que permanecerá.

1. A vida do jovem poeta é governada por uma ausência fundamental equivalente a um paraíso perdido de um mundo original. Em consequência, o poeta está sozinho e não pode encontrar os outros porque se move num mundo sem Geometria, como num deserto, em que os caminhos que levariam, antes de mais, aos outros, são indistintos e inexistentes. A Terra é um lugar vazio e árido.
2. Daqui decorre a Distância à vida e aos outros, que habitam numa dis-

¹ «Uma leitura dos poemas inéditos de Vergílio Ferreira», in H. Godinho (org.), *Estudos sobre Vergílio Ferreira*, Lisboa, INCM, 1982, pp. 389-398.

tância intransponível: «Os outros são uns seres / que andam sempre / muito longe de mim.»

3. A Terra é, assim, um lugar de ausência tendo-se a Presença transposto para um lugar cósmico e sendo simbolizada por uma estrela. É, fundamentalmente, uma presença de mulher detentora de um olhar do qual dependeria a identidade do poeta: «Achar-te é sempre achar-me.»
4. O Pai sabe o caminho para a estrela / Presença mas não o indica. No poema “O Filho Pródigo”, por exemplo, o poeta não quer que festejem o seu regresso enquanto o pai lhe não disser: «meu filho, / eis o teu trilha!». Lembremos que a fraqueza do pai e as dúvidas sobre a genealogia que aparecem em *Estrela Polar* são apresentadas como causa da solidão e da sua tentativa de compensação pela interrogação metafísica, não se esgotando, porém, com isso, a negatividade da ausência do pai.
5. A morte e a agressão são, nalguns casos, apresentadas como tentativas de, por detrás do corpo, encontrar uma presença que teima em fugir: «Os meus dedos longos esmagaram as rosas em busca do perfume doutras rosas que nelas não cabiam.» (Poema «A minha vida não morre nem a tua»).
6. O Cego que não vê a presença distante. E a Estátua, com ele relacionada («o olhar coalhado de um cego», dirá várias vezes em obras posteriores), imagem sem vida de uma Presença que, neste mundo, petrificou – lembremos que a aparição não pode durar para não petrificar.
7. O Filho, futuro, como em *Alegria Breve*, que espera vir a ter um dia, poderá anular a distância (poema «Educação»).
8. Dido, a mulher que se matou / foi morta por um viajante e que aparece explicitamente referida em *Aparição*.

Ou seja, é visível já nos poemas desta época o que virão a ser os elementos fundamentais do seu universo imaginário.

Vejamos, agora, o que dizem os poemas do Diário.

Nestes poemas:

- o poeta é chão de fragas sem água (3/7/48);
- o tempo é de aço frio e o coração é fossilizado granito de sonhos já sem destino (7/7/48); os dias têm a tragédia de um velho sarro 29/7/48);
- as rochas da Serra da Estrela são rochas de quem já nada tem a perder e a tudo se sujeita (14/8/48).

Estas imagens aparentam alguns destes poemas aos poemas da adolescência de que falei atrás. No entanto, estes poemas também contêm elementos novos, alguns de tipo social, de acordo com a fase neo-realista que Vergílio Ferreira vivia mas que nem sequer são os mais importantes para o que virá a ser o universo imaginário do autor.

Um dos mais interessantes é um esboço do que virá a ser o desejo de estar de acordo com a vida vivendo o momento e libertando-se do passado, de que a punctualidade ou a valorização do *carpe diem* serão as expressões mais significativas. Com efeito, no poema de (31/8/48), diz: «Que os meus olhos sejam a folha que o vento fez ave por segundos / que o coração seja apenas o órgão mercenário para isto tudo, / e um momento estarei de acordo.» (meu sublinhado). E o poema de 7/9/48:

Inteira
no sabor
de uma dor.
Verdadeira
na cor
de uma flor.
Exacta em cada momento,
e no instante do movimento
mentida,
- Vida.

Vemos que o movimento introduz a inquietação e perturba a exactidão da vida em cada momento. A infertilidade do presente manifesta nas imagens que estabelecem a continuidade com os primeiros poemas abre-se, aqui, a uma espécie de apaziguamento pela valorização de uma adequação ao instante, tema importante na obra posterior de Vergílio Ferreira.

Mas há outros elementos igualmente novos, como os de tipo social ou cultural: «Já há oito séculos, meu povo, escreves / A história para os outros. / É tempo de escreveres a tua.» (26/7/48); ou o poema «Camarada!» (10/8/48), onde a dúvida e a necessidade de a vencer é integrada numa dialéctica de progressão: (...) «Que tu duvides depois, mas já não onde pude duvidar». A possibilidade de duvidar ao questionar o ideário social não significa traição ou ruptura do esforço da luta.

Um outro elemento interessante pela importância que terá posteriormente é a imagem do Observador, sobretudo na sua ligação à estrela: (...) «E pelas guaritas do céu, / As estrelas fiscalizam a submissão universal / Com um olho vigilante de polícias.» (Poema «A noite é uma ausência nua» - 2/9/48). O Observador é, algumas vezes, uma variante ameaçadora do terceiro-diante-de-quem que aparece,

sobretudo, a partir de *Estrela Polar* onde o narrador se interroga sobre um terceiro diante de quem ele e a mulher amada são uma relação e que estabelece (estabeleceria) a união dos dois.²

No poema de 5/9/48

Lâmpada que os sonhos afugenta

-- a Razão.

Óleo que a lâmpada alimenta

-- a Acção

reconhecemos o dilema que a parte final de *O Caminho Fica Longe* resolveu pela solidão do protagonista depois de, por um esforço de razão, ter abandonado os sonhos e se ter dedicado à acção em favor dos desfavorecidos fazendo o romance decidir-se pelo neo-realismo. Mas o dilema sonhos vs. razão/acção é persistente, de uma maneira ou de outra, em grande parte da obra de Vergílio Ferreira, aparecendo aqui, cerca de 10 anos depois de *O Caminho Fica Longe*, com uma formulação idêntica à do primeiro romance, sobretudo no uso da palavra “sonhos” e, verosimilmente, dentro também da problemática neo-realista.

No poema de 20/2/49 reconhecemos um outro tema persistente de *O Caminho Fica Longe*, o andar disperso pelos outros sem verdadeira autonomia identitária: «(...) Mas em cada instante vivido, mãos alheias me semeiam, / para calcarem depois a terra semeada.»

É de notar que a praia e o mar, valorizados tão positivamente em quase toda a obra do nosso autor, são, nos poemas de 13/9/48 e 18/9/48, quase negativizados, sobretudo o mar pela sua força perigosa, embora no primeiro desses poemas a espuma trace “cabalas de um acordo”.

De um modo geral, podemos dizer que estes poemas deste Diário têm menos riqueza interna que os anteriores da adolescência que quase contam uma história, desde a Ausência que marca o mundo à necessidade de procurar o Outro perdido para se encontrar a si próprio ou a questão da agressão (de tipo sexual, sobretudo) ao outro para o encontrar, como acontecerá com o Carolino de *Aparição* ou o Jeremias e Adalberto de *Estrela Polar*. Estes novos poemas insistem pesadamente na infertilidade da vida do autor, emergindo algumas imagens novas que serão retomadas na obra futura de Vergílio Ferreira, como referimos. O Outro ausente ameaçador (as estrelas polícias, por exemplo, ou o papel – até ele - polícia) leva à necessidade da raiva e da luta, nomeadamente a de tipo social neo-realista, aqui fortemente referida no povo que tem que escrever a sua história ou no ideário político não-monolítico mas nem por isso menos sincero e valorizável num progresso ideológico desse mesmo ideário.

² Ver o cap. «Observador» do meu estudo *O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira*, Lisboa, INIC, 1985.

Reparemos, agora, nos últimos poemas de Vergílio Ferreira: as quadras de *Escrever*³. Entre quadras de tipo diverso, encontramos, com alguma insistência, as imagens da Presença ausente e da distância:

Céu alto da minha esperança
meu enleio de te ver
fica-te a essa distância.
Para te ter e não ter.
Ó doce imagem de outrora,
quem és tu, que te não sei?
Vem e passa que é a hora
de ter o que não terei.
Ó imagem fugitiva
na selva do imaginar,
fluida sê o que furtiva
eu te não possa fixar. (p. 228)

Ou a multiplicação da amada, maximamente tratado em *Estrela Polar*:
Quero-te mais do que a ti
que não és mais do que és.
Porque no amor que senti
tu és mil de cada vez. (p.227)

É um tema central da obra de Vergílio Ferreira porque tem a ver com a procura da Presença ausente através das verdades (não-duradouras e, por isso, múltiplas) e da face feminina (sujeita ao desgaste e, por isso, igualmente múltipla). E também porque se liga ao desejo impossível de um olhar que fixe a identidade, já presente em *O Caminho Fica Longe*, por exemplo no olhar/amor da Joana que o livraria de andar disperso pelos outros fazendo-o ser alguém. Mas olhar impossível porque a Presença, que todas as mulheres apenas encarnam ocasionalmente, está ausente, levando à continuação da procura (e a que a imagem do Observador também está ligada, pensemos, por exemplo, nas insistentes perguntas de *Estrela Polar*: “Quem nos está fitando?” ou “Perante quem somos”). O “Achar-te é sempre achar-me” do poema da juventude já referido mostra a radicalidade desta questão que aparece desde a adolescência/juventude.

No Diário dos anos ‘40 e para além dos poemas que contém, encontramos uma manifestação “cultural” desta questão: é que o interesse por Sartre sedimenta-se, verdadeiramente, quando lê *Huis Clos* e *Morts sans sépulture*, em que a questão do

³ Lisboa, Bertrand, 2001.

olhar do outro é fundamental.⁴ Em toda a obra de Vergílio Ferreira, esta Presença que foge e se multiplica pela sua ausência nas mulheres em quem se hipostasia não olha a arquipersonagem. Ou é um olhar invisível, por vezes agressivo, e de que o Cego, por exemplo, é imagem dessa incapacidade de o ver.

Por isto, pela importância deste tema, não admira na última obra, *Escrever*, as três quadras que atrás citei da p. 228. Ou a entrada 94:

Se tu viesses. Porque tudo está preparado para a tua vinda. Os caminhos transbordam de flores silvestres, o sol ilumina-se como um lume novo. Virás decerto na aragem leve, fluida de ausência, a face triste. Ou talvez sorrias no teu alheamento como uma memória que passou. Trarás talvez no rosto o sinal de uma sagração com que os deuses te ungiram na eternidade. E haverá no ondeado do teu corpo o olhar com que te espero. Não tenho pressa, o que é grande e inimaginável leva milénios a acontecer. Eu estarei sentado à tua espera porque é impossível que não venhas quando a Terra inteira se preparou para que passasses. Se tu viesses. Tu quem?» (pp. 63-64).

Universidade Nova de Lisboa

⁴ V. o meu estudo «Sartre e alguns contos de Vergílio Ferreira», *Phainomenon*. Revista de Fenomenologia, nº 12, 2006, pp. 53-58.